

DEADLINE

HISTÓRIAS CURTAS PARA LER COM PRESSA



MATEUS MOGNON

DEADLINE

HISTÓRIAS CURTAS PARA LER COM PRESSA



Diagramação

Mateus Mognon

Textos

Mateus Mognon

Revisão

Mateus Mognon

Erros e incoerências

Mateus Mognon (mas lembre-se, errar é humano)

Reclamações e agradecimentos

Twitter: @supermognon

Facebook: /mtsmognon

Instagram: supermognon

Vine: morreu :(

e-mail: mateusmognon@gmail.com

Telefone (não gosto de falar no telefone, mas tá aí): 48 991881020



SUMÁRIO

WTF is this?.....	4
Conto de fadas	5
Queda	11
Juventude	14
Televisão	18
Do outro lado	21
Brincadeira de criança	25
Corta!	30
Piloto automático	33
Epidemia digital	37
Geladas	41

WTF is this?

Vivemos tão imersos na correria do dia a dia que parar para relaxar e ler um bom conto é um privilégio que nem todo mundo possui. E se ler um livro já pode ser um grande desafio, imagine escrever uma belezinha dessas que tenha o mínimo de qualidade.

Em um contexto de vida universitária cheia de trabalhos acadêmicos e desventuras no âmbito pessoal, nasce o *"Deadline: histórias curtas para ler com pressa"*, uma série de produções textuais feitas por mim para a disciplina de Escrita Criativa.

Com contos e roteiros produzidos nas mais adversas condições de temperatura, sono e pressão, você, caro leitor, vai viajar em devaneios da minha mente, encontrando recortes da realidade, remedos de ficção e fiapos de drama, tudo colado com pequenas e precisas doses de humor.

Divirta-se!

Do autor, Mateus Mognon

JUST DO IT.



Capivara de Curitiba e Mateus Mognon

Deadline

é aquela adrenalina inspiradora que aparece perto do final do prazo de entrega

Todos os textos seguem propostas pré-definidas durante as aulas

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência, principalmente se render processo





CONTO DE FADAS



As músicas do grupo de DJs Major Lazer tomavam a minúscula boate durante a festa à fantasia. Envolvidos pela batida, Ana e seus amigos balançavam na pista iluminada por luzes coloridas. Carregava um sorriso involuntário no rosto, talvez pela música, talvez pelos copos de bebida. Com os movimentos leves da jovem, a cauda do vestido de princesa e o cabelo cacheado voavam no ar, exibindo a tatuagem na nuca: “Você Vive Apenas Uma Vez”, escrito em letras douradas e tipografia serifada. A fantasia era de Tiana, da animação “Princesa e o Sapo”, já que era muito parecida com a personagem da Disney.

Depois da playlist com David Guetta e Calvin Harris, separou-se do grupo em que estava e buscou o melhor amigo, Jonas, para ir embora. Com uma aparência que lembra o cantor Seu Jorge, pegava o telefone de uma garota quando foi puxado pela amiga, que já estava cansada de pular. Jonas deu um beijo de despedida na nova *crush* e acompanhou Ana rumo à porta de saída. “Acho que ela é o amor da minha vida”, contava para a amiga, entusiasmado.

“Eu beijei cinco caras e conversei com mais de vinte, mas jamais passaria duas noites com eles. Achar o amor de sua vida numa balada, esse não é o ambiente pra isso”, dizia Ana, com tom cético. Enquanto ria da cara de apaixonado do amigo, foi levemente empurrada por um príncipe, que passou rapidamente pelo seu lado, seguido de um grupo de amigos. Percebeu que um objeto brilhante caiu do bolo de pessoas, era um bracelete. Juntou rapidamente e tentou encontrar o dono do acessório, mas um tumulto se formou na porta de saída, o que a impediu de alcançar os desconhecidos. Quando conseguiu sair, após uns esbarrões e muita determinação, viu o grupo entrando em um Mustang GT branco e partindo a mais de 100 km/h.

Jonas puxou a amiga e desceram a rua até o carro. A jovem andava sem prestar atenção nos próprios passos, olhando atentamente o bracelete. Com contornos rígidos e tão dourado quanto as letras da tatuagem de Ana, o acessório possuía uma mensagem gravada: “Você Vive Apenas Uma Vez”, em tipografia serifada. Na parte interna, uma data e um endereço que a moça desconhecia.

Ana estava tão interessada em saber quem era o dono do belo bracelete que pediu para o amigo levá-la até o local gravado no objeto, mas como já eram quatro horas da manhã, Jonas manteve o bom senso e levou a amiga semi-bêbada para casa.

...

Apesar da ressaca, Ana acordou animada naquele sábado de manhã por dois motivos. Primeiro, suas férias acabaram de começar e ela poderia deixar de se preocupar com seu emprego de jornalista de tecnologia. Porém, a curiosidade ainda a acompanhava: estava com bastante vontade de conhecer a pessoa que deixou o bracelete na balada.

Fez uma pesquisa no Google Maps e descobriu onde o endereço levava: uma casa no bairro vizinho. Com o aplicativo no celular, ligou seu Tesla Model S com piloto automático, colocou vários gadgets na bolsa e saiu em busca do dono do bracelete. Antes de sair, deu comida para seu animal de estimação, Fausto, um dragão de komodo criado em um tamagotchi. Em formato de ovo, o bichinho virtual mantinha as características do brinquedo dos anos 90, mas Ana fez um upgrade na tecnologia: usando seus conhecimentos de *hardware*, ela implementou comandos de fala no acessório. Seu dragão de komodo tinha a voz do Faustão e fazia companhia para a jornalista durante as viagens de carro. Sempre que precisava de animação, pedia para o dragão falar as horas: “Precisamente dez e trinta e sete, bicho”, gritava o animalzinho pixelizado.

Com seu dragão em mãos, entrou no carro, que já estava com o motor aquecido, e foi em busca do dono do acessório brilhante. No caminho, ficava imaginando como poderia ser a pessoa. O bom gosto pelas cores e a frase gravada no objeto animavam Ana. “Será que é do príncipe encantado?”, pensava. A cada curva, uma nova característica era idealizada. Nem conhecia a pessoa, mas já tinha escolhido o nome dos futuros filhos que teriam. Não acreditava que podia encontrar sua alma gêmea numa festa à fantasia, mas já estava cojitando a possibilidade.

Ana viajava tanto nos pensamentos que, quando virou a última curva, quase bateu em um caminhão de mudança. Quando voltou os olhos para a rua novamente, o GPS apontou que ela tinha chegado ao local demarcado. Uma casa grande, branca e com o teto rústico em formato de torre.

Desceu de sua carruagem e bateu na porta. O local parecia

vazio, mas, após alguns segundos, uma senhora baixinha e com óculos de lentes garrafais atendeu. Disse que os antigos moradores tinham acabado de sair com o caminhão da mudança, estavam indo morar no litoral. “Compraram uma casa como essa na praia”, explicou. Ana pegou o novo endereço e, antes de sair, recebeu uma caixinha da velhinha. “Eles deixaram isso cair quando saíam, pode entregar pra mim?”. Ana pegou o pacote e entrou no carro. Abriu a caixa e juntou o bracelete para guardá-lo com o outro item perdido: um tamagotchi. Ana ficou espantada, o brinquedo possuía o mesmo design que o seu. O bichinho virtual: um dragão de komodo, magrinho por causa da falta de comida, devia estar perdido há algumas horas. Ana alimentou o monte de pixels e posicionou o aparelho ao lado de Fausto, que gritava que estava na hora do almoço.

...

Com Fausto e seu mais novo bichinho virtual alimentados, Ana foi até um restaurante para comer. Enquanto esperava o macarrão com queijo, seu prato preferido, continuava viajando em seus pensamentos. “Não bastasse roubar meu lema e colocar num bracelete, o cara também possui o meu tamagotchi. Quais as chances disso acontecer?”, dizia para si mesma, enquanto lembrava da silhueta do príncipe da festa.

Para chegar até a casa do endereço dado pela senhora, seriam quatro horas de viagem. Enquanto comia, pensava se a viagem valeria a pena, se não estava apaixonadinha demais. Mas, como estava de férias e gostava de praia, parecia uma boa ideia viajar 500 quilômetros para aproveitar o litoral e, de quebra, entregar os itens para o suposto príncipe.

Foi para casa arrumar as coisas para a viagem. No caminho, ligou para Jonas e contou a história do bracelete. “Parece que eu não sou o único que acredita que pode encontrar o amor numa balada”, dizia, em tom de deboche. Ficou irritada com a brincadeira, mas convidou o amigo e a nova namorada para viajarem junto com ela. Chegou em casa e arrumou as malas, deixou tudo preparado. Partiriam para o litoral na manhã seguinte.

Quando o dragão Fausto começou a gritar que eram 8 horas da

manhã, Ana já estava acordada, mal dormiu por causa da ansiedade. Colocou um vestido simples, mas bonito, e partiu para a casa de Jonas. O amigo e a namorada entraram no carro e todos partiram rumo ao litoral. Iam ficar uma semana por lá, num apartamento que encontraram no Airbnb. Durante o caminho, Jonas buscava festas no Facebook para o grupo ir enquanto estivesse na praia, e Ana conversava com a namorada do amigo sobre seu príncipe encantado. “Este é o primeiro príncipe que eu conheço que usa um bracelete e tem um dragão de komodo de estimação”, dizia Ana, rindo e com as mãos no volante.

...

Depois de quatro cansativas horas, finalmente chegaram no apartamento. Jonas sugeriu que Ana descansasse e fosse em busca do dono dos acessórios após algumas horas de sono, mas a moça estava tão inquieta que resolveu partir logo que chegaram.

O sol brilhava no céu sem nuvens enquanto Ana andava pela praia, com os pés na areia. Os cachos voavam com a brisa do mar e os pensamentos viajavam na imensidão da criatividade da jornalista.

Atravessou a praia e chegou no local, uma casa tão grande quanto a anterior, e ainda mais parecida com um castelo. O Mustang GT branco que viu na festa estava estacionado em frente ao jardim, era a montaria do seu príncipe encantado. Subiu as escadas com as pernas tremendo e tocou a campainha com suor escorrendo pelo rosto, e que não era causado pelo calor. Ficou sem ar quando o dono da silhueta de príncipe abriu a porta. “Posso ajudar?”, perguntou ele. Ana respondeu com um “olá” que não escondia seu nervosismo.

“Eu tenho algo que te pertence, príncipe encantado”, disse Ana, com um sorriso apaixonado, mostrando o bracelete e contando sua saga até ali. O cara abriu um largo sorriso quando Ana parou de falar, seguido de gargalhadas. A moça, tomada de vergonha, não entendeu o que estava acontecendo.

O “príncipe” percebeu o desconforto de Ana, cessou as risadas e gritou para dentro da casa: “Amor, acharam teu bracelete e meu tamagotchi”. Em seguida, convidou Ana para entrar.

Um cara jovem e forte, tão bem apessoado quanto o que

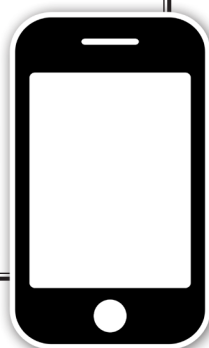
atendeu a porta, apareceu e beijou o príncipe de Ana, que disse: “Esse é o meu noivo, o bracelete foi o meu presente de um ano de namoro. Ele sempre achou inútil ter colocado o endereço. Se não fosse isso, você nunca teria devolvido pra gente”.

A decepção e a vergonha se misturavam dentro de Ana, que não sabia se ria ou chorava. Seu príncipe era real, mas não precisava de uma princesa, já que tinha seu próprio príncipe. Conversaram por alguns minutos e marcaram de se encontrar em um luau durante a noite. Ana também deu dicas para os príncipes de como cuidar melhor de seu dragão de comodo. Os dois riram quando Ana pediu para Fausto dizer as horas.

Cabisbaixa, Ana voltou para casa pela praia, vendo o pôr do sol ao som das ondas do mar. Percebeu que é mais fácil você encontrar um amor na balada do que corresponder a todas as expectativas que sua mente cria. Com a água batendo nos pés, colocou Major Lazer pra tocar, abriu um sorriso e começou a pensar na roupa para usar na festa de noite. Quem sabe ela encontre um novo príncipe encantado. Ou cinco, ou vinte, afinal, nem tudo é um conto de fadas e, como diz a tatuagem, você vive apenas uma vez.



QUEDA



— Sofia...

— Presente - respondeu a jovem universitária, com voz sonolenta e levantando a cabeça da carteira. “Como foi que eu cheguei na sala de aula? Preciso dormir mais, a falta de sono não está fazendo bem”, pensava.

A última coisa que lembrava com clareza era estar terminando o artigo dessa aula em seu quarto. Maldito artigo. Última semana de aula e o professor Ivan pede um artigo de 12 páginas para fazer. “Como esse crápula tem família? Não acredito que exista alguém no mundo que ame esse canalha”, revoltava-se em sua mente. Na turma, pelo menos, todo mundo o odiava. Três em cada cinco alunos já tinham pensado em matar ele. Sofia era uma das três desde que foi reprovada no ano passado por meio ponto.

As horas não passavam, olhava a tela do smartphone a cada trinta segundos, mas o iPhone sempre exibia 7h15. Enquanto isso, o professor andava na frente do quadro falando coisas que a aluna não conseguia ouvir. Movimentava-se jogando seu cabelo loiro para o lado, vestindo uma camisa social branca e seu clássico All Star azul. Nas mãos, a também tradicional garrafa de água. Ficava andando em círculos na frente do quadro, bebendo da garrafa de plástico de dois em dois minutos. Sim, Sofia já tinha contado, dois em dois minutos. O barulho da tampa fechando o recipiente disputava com os ruídos feitos pela sola do tênis, que deslizava no chão compassadamente.

— Quem não fez o artigo terá que vir pra cá nas férias - disse o professor, com seu tom de voz baixo e um sorriso sádico no rosto.

Sofia ficou pasma. Queria gritar mas não conseguia. Queria fugir dali, mas seus pés não se moviam. “Eu não acredito que terei que ver a cara desse filho da puta nas férias. Eu vou chorar. Que vontade de socar esse infeliz”.

Junto com a raiva, vieram os pensamentos psicopatas. Sempre teve atitudes homicidas, mas raramente as expressava. Quando era pequena, por exemplo, adorava jogar o gato pela janela para ver ele tentando cair em pé. Parou com a brincadeira quando o bichano caiu embaixo da roda de um caminhão.

Estava com tanta raiva que relembrou os tempos de infância. Pegou o smartphone de novo, mas não pra ver a hora. Abriu o Whatsapp da turma e digitou: “Gente, vamos contratar um mercenário.

Ele tem que morrer”. Ninguém respondeu. Olhou para frente com sangue nos olhos. Ele continuava lá, falando, bebendo da garrafa, arrastando o All Star azul.

Todos estavam sem reação, pareciam não se importar, mal se moviam. Com a visão embaçada, Sofia voltou os olhos para a tela do smartphone novamente. “Como matar meu professor”, pesquisou no Google. Abriu o Wikihow. Dá pra aprender tudo no Wikihow. Rolava o texto lentamente, prestando atenção nos detalhes. “Causar um acidente pode isentar o autor do crime”, dizia o segundo item de “10 maneiras de cometer um assassinato, com imagens”.

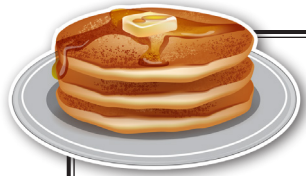
Estava convencida e confiante. Abriu o bloco de notas do smartphone e começou a listar as melhores formas de causar o fatídico acidente. Nem pensava nos 3 anos de cadeia que podia pegar por homicídio culposo, quando não há intenção de matar. Enquanto isso, o céu mudava de cor no lado de fora, o tempo não passava e Ivan continuava lá na frente, andando em círculos, bebendo da garrafa de plástico, deslizando o All Star no chão.

“Hmm, posso usar o All Star...” - pensava Sofia, agora com um sorriso sádico, igual o do professor. “A sola dessa merda deve estar tão gasta que ele pode ‘escorregar acidentalmente’ na escada”.

— Estão dispensados. Aos que fizeram o artigo, boas férias - disse o professor indo em direção à porta.

Era o sinal. É agora. Todo mundo saindo da sala e descendo pela escada que levava ao primeiro andar. Sofia juntou o smartphone e correu para acompanhar o bonde. As outras pessoas pareciam borrões, seu único foco era o professor. Precisava de cautela, esperar o momento certo para tudo parecer natural. Os colegas que percebessem a agradeceriam na semana seguinte.

Quando o professor chegou no primeiro degrau da escada, Sofia deu um chute na traseira do All Star Azul, sem pensar nas consequências. Em câmera lenta, a aluna via o mestre perdendo o equilíbrio e balançando os braços para trás enquanto caía. A garrafa de água voava no ar quando ela ouviu um forte estrondo. Seu smartphone caiu da cama por causa da vibração do despertador. São 7h15, está na hora de acordar. Será que ainda dá tempo de terminar o artigo?



JUVENTUDE



O relógio cuco de madeira no meio da sala de estar avisava que eram seis horas da manhã. No primeiro quarto subindo as escadas, o despertador do Galaxy S6 Edge na cômoda espalhava o blues da música “Rock around the clock” pelo quarto. Chegou a hora de dona Sandra acordar.

Com a energia de uma jovem de 18 anos, mas a duas semanas de completar 80, a senhora pulou da cama cantarolando a música de Bill Haley e rapidamente substituiu a camisola pela calça de ginástica, a camiseta branca dos Beatles e um tênis mais vermelho que a capa do Superman. Desde pequena era fã dos quadrinhos do alter-ego de Clark Kent e estava entrando em êxtase com todos os filmes e jogos com o personagem. Estava tão animada esta manhã que até esqueceu de tomar seus remédios, ato que já virou rotina, afinal, “remédio é coisa de velho”, como ela mesma dizia.

Como um raio, juntou o celular com o fone de ouvido e correu para fora do quarto. A porta fechou sozinha com o vento gerado pela velocidade da Super Sandra, apelido dado pelos netos gêmeos quando eram pequenos. Agora, os dois já estavam com 17 anos e moravam com a avó desde o início do ano para fazer vestibular na universidade local. Agenor, o que saiu da mãe primeiro, acabara de acordar com o estrondo gerado pela batida da porta. “Que barulheira é essa? Não dá nem pra dormir nessa casa?!” gritou o jovem com cara de sono e pijama de seda enquanto saía de seu quarto.

Com um sorriso de orelha a orelha, a senhora levantou o dedo do meio em direção ao neto e deu as costas para ele rumo às escadas. Indignado com a rebeldia da vó, Agenor foi para o banheiro resmungando, com seus pés que não levantavam do chão, com os fios de cabelo caindo lentamente por causa do estresse do trabalho e as costas curvadas, causadas pela postura ruim ao se sentar por oito horas diante do computador de advocacia onde estagia.

Enquanto Agenor sofria para acordar, dona Sandra desceu a escada circular escorregando pelo corrimão para chegar mais rápido na cozinha e sair para a sua caminhada matinal. Os cabelos brancos e lisos cortados até a altura do ombro voavam para trás. Se sentia jovem quando descia até o andar de baixo como fazia antigamente, nos tempos de adolescente, mas a aterrissagem lembrava que não estava mais tão moça assim. Apesar de ser bem ativa e saudável, o peso da

idade estava chegando, e os joelhos eram as primeiras vítimas. Mas seguia em frente, como dizia sua ex-esposa, que veio após o terceiro marido: “até o final do dia todos os ossos estão no lugar de novo”.

Nem tinha terminado de atravessar a sala e já podia sentir o cheiro das panquecas deixadas pela empregada num prato em cima do fogão. Na mesa da cozinha, de terno e com as pernas cruzadas, Cláudio saboreava um café preto na sua caneca branca enquanto lia o jornal em que tinha começado a trabalhar.

Guiada pela fome, dona Sandra ia cegamente em direção a comida, mas as manchetes do jornal em que o neto fazia estágio chamaram sua atenção. Após dar uma rápida olhada na primeira página cheia de letrinhas, seguiu seu caminho para as panquecas soltando um comentário desprezioso: “Sabe, meu neto, eu li tudo isso aí no Whats ontem. Por que vocês não usam o Whats no teu jornal? Todo mundo usa o Whats hoje em dia”. Levantando os olhos das páginas de papel e soltando um profundo suspiro, o jovem abriu a boca pela primeira vez no dia: “Bom dia para você também, Vó! Essas coisas que você lê na internet, é tudo mentira. Só a verdade sai no jornal impresso”, defendeu o neto. “Querido, tá na hora de se atualizar, né. Tudo é bem mais rápido agora, aposto que você alcançaria bem mais gente publicando no Facebook. Eu só quero ajudar”. Com um sorriso sarcástico, Cláudio largou o jornal e seguiu para a porta com seu BlackBerry na mão para chamar um táxi. “Tá bom vó, vou anotar a sugestão”, resmungou. “E por favor, pega um Uber dessa vez. Sai mais barato”, gritou dona Sandra para o neto antes de morder a primeira panqueca.

A comida ia sumindo do prato, e a eclética playlist do Spotify, carregando. Como demorava para carregar. Mas dona Sandra já tinha pegado a técnica: era só abrir o app antes de sair de casa que, quando chegasse a porta e olhasse para fora, poderia aproveitar o dia aos som dos hits que vão de Ben E. King até Justin Bieber. “A puberdade fez bem pra voz do menino”, ela sempre dizia aos netos. O prato ficou vazio, enquanto o estômago de dona Sandra estava cheio. Sentiu um leve mal estar, aparentemente o estômago era a próxima vítima da idade, mas seguiu sua rotina matinal. “Preciso dar uma passadinha no banheiro depois”, pensava.

Animada, de café tomado e com a playlist carregada, estufou

o peito, abriu a porta e foi para a calçada. Que dia lindo, poucas nuvens no céu, a luz do sol passando entre as folhas das árvores do quintal, quase um filme dos anos 90. Antes de sair para sua maratona, encostou a porta. Não trancou porque sabe que Agenor vai sair correndo, atrasado. Os cinco casos mal resolvidos dentro da maleta preta fazem o chefe perder a cabeça e ele, os cabelos. “Esse meu neto anda muito estressado, vou trazer uma erva pra ele da casa da Judite”, pensava a senhora dando seus primeiros passos pela rua.

A animação era tanta que o joelho já nem doía mais, ou dona Sandra simplesmente não sentia. Com a graciosidade de uma modelo, andava lentamente ouvindo um cover de Grace Vanderwall. Mas mais lentamente que o comum. Nem tinha andado 200 metros e o ar não estava querendo entrar nos pulmões. A dor no joelho voltou. Sentiu que algo estava errado, deu meia volta e pegou o caminho para casa. Ouvindo The Strokes, para não desanimar.

Quando chegou na frente de casa, não aguentava mais andar, viu Agenor saindo pela porta com cara de estressado, mas a imagem foi desaparecendo num borrão branco que tomava seus olhos. Num espasmo temporal, dona Sandra estava caída no chão com seu neto tentando acordá-la. Não conseguia respirar. Apesar do espírito jovem, sentiu que a hora de aceitar a idade chegara. Viu que o tempo não passa na alma, mas inevitavelmente passa na vida.

Agenor gritava quando ganhou um carinho no rosto da vó, que estava cada vez mais pálida. Enquanto ouvia “When you were young” do The Killers no fone de ouvido, deu um último sorriso para o neto e fechou os olhos. A dor nos joelhos foi embora.



TELEVISÃO



— FILHAAAAAAA! VEM AQUI AGORA, gritava seu Edson com um pequeno tom de desespero e raiva, mas deitado na poltrona reclinável. A porta de madeira da quitinete se escancarou, as finas paredes marrons tremeram e Raquel, ofegante e com um olhar assustado, encarava o pai:

— Ai, meu Deus, pai, tá tudo bem? Pra que gritar tanto assim? disse enquanto desamassava o vestido vermelho com bolinhas brancas.

— Troca de canal pra mim. Cansei de ver o Silvio Santos.

A adolescente não gostava da preguiça do pai que estava a menos de dois metros da TV, mas obedecia as ordens sem pestanejar por medo de levar uns tapas.

Magra e baixinha, andou até a caixa retangular de 20 polegadas mexendo seu cachos feitos com escova progressiva, sentou no chão e começou a girar o botão dos canais. Entre os chuviscos cinzas, algumas imagens se formavam de vez em quando. A garota parava de girar o botão e esperava a reação do pai.

A propaganda da novela Roque Santeiro mostrava o Sinhozinho Malta batendo seu relógio no pulso. Seu Edson achava engraçado, até virou fã de Lima Duarte. Se o personagem tirasse o bigode e ganhasse 20 quilos, eram a mesma pessoa. Gostava de novelas, mas como era domingo, sabia que não ia encontrar nada do gênero na TV. Balançou a cabeça negativamente para a filha, que esperava o sinal para continuar trocando de canal.

Raquel girava o botão rapidamente para achar um programa para o pai e sair dali. Tão rápido que as imagens viravam cinza em instantes. A missa do canal religioso foi comida pelos chuviscos, transformou-se num episódio do Pica-Pau e, segundos depois, nos gols da rodada. Até que, em meio ao sinal ruim, apareceu a face do coronel Steve Austin, o homem de seis milhões de dólares. Um sorriso se abriu no rosto de seu Edson.

A Bandeirantes reprisava o seriado americano em diversos horários, e sempre que podia, seu Edson acompanhava as aventuras do Homem Biônico. Era seu sonho se tornando realidade na TV, ou quase isso. Desde que viu Armstrong pisando na lua numa telinha em preto e branco na loja da esquina quando criança, sonhava em ser astronauta. Não queria sofrer um acidente e ganhar partes robóticas como o protagonista do show, mas se a fatalidade acontecesse, não ia

reclamar de ser meio máquina.

Raquel percebeu que o pai estava satisfeito e partiu em direção a porta.

— Para onde você vai? - perguntou o pai, sem tirar os olhos da tela da TV.

— Tô indo estudar pra prova de segunda com o Marcinho - gritou, já fechando a porta.

Seu Edson se remexeu na cadeira, mas a filha já tinha saído. E possivelmente já estava na casa do Marcinho, no outro lado do corredor do prédio. Não gostava do garoto. Ele tem 18, ela tem 16. Imaginava que não iam estudar matemática. Quer dizer que toda segunda-feira tem prova de matemática agora? “Estudar pra prova”, é assim que chamam as sacanagens hoje em dia?

Seu Edson queria acreditar que a filha estava estudando e ainda era seu bebezinho. Que ainda estava mais para “Like a Virgin” do que “Sex Machine”. Mas os barulhos que passavam as paredes finas entregavam a adolescente e seu namoradinho. Não gostava de pensar na filha como uma mocinha, principalmente com o Marcinho, com seu topete levantado e camiseta do Led Zeppelin. Se ouve rock não é gente boa. Bando de maconheiro.

O sinal da TV começou a cair à medida que a raiva tomava conta de Seu Edson. Os barulhos aumentavam no outro lado do corredor. Assim como os pontos cinzas tomavam a tela da TV, o ódio tomou conta do homem de meia idade. Levantou do sofá, colocou um roupão para cobrir o calção bege e a regata branca e partiu para a casa do delinquente que gosta de ‘Stairway To Heaven’.

Pegou o martelo que estava na mesinha ao lado da saída e deu passos largos até o vizinho, sentindo-se tão forte quanto o Homem Biônico. Abriu a porta com violência e correu através do apartamento. Sem parar, deu um chute na porta de madeira do quarto e viu os dois jovens se beijando semi-nus, que gritaram ao ver o homem de roupão empunhando um martelo com cara de bravo.

Com os olhos vidrados e o martelo tremendo, seu Edson grita enfurecido:

— Raquel, pegue suas roupas e vamos pra casa. Preciso que você suba no telhado pra arrumar a antena, o sinal da TV caiu.



DO OUTRO LADO



Dizem que a porta entre o mundo dos vivos e dos mortos fica aberta durante a madrugada. Maldita noite que resolvi testar essa hipótese.

Já eram duas da manhã e eu dormia no sofá. O plano de virar a noite acordado falhou. Meus amigos sempre diziam que eu não era velho suficiente para ficar a noite toda sem dormir. Mas como a minha família tinha planos de se mudar para outra cidade há dois dias, ainda tinha uma noite para me desafiar e mostrar pra galera da rua que eu já sou grande.

Eu nem são tão novo quanto eles dizem. Apesar de ser baixinho, já tenho 12 anos, idade suficiente para não ser carregado pelos pais até a cama, mas bem que eles podiam ter aberto uma exceção esta noite. Quando abri os olhos e não consegui ver nada além da tela da TV no breu da sala de estar, levantei desenrolando-se dos cobertores para acender a luz.

Desprendi o pé do lençol, que engoliu uma das minhas meias cinzas da Hot Wheels, rastejei até a parede e apertei o interruptor no lado da persiana. Quando a luz tomou o ambiente, olhei pela janela e percebi que a escuridão escondia mais do que os grilos e as mariposas.

Na minha frente, do outro lado do vidro, uma silhueta escura, alta e sem face permanecia imóvel enquanto eu a encarava sem respirar. O medo me paralisou completamente. Com um corpo formado de fumaça e mais fino do que o meu, mas com o dobro da altura, a silhueta negra começou a se deformar e, na parte onde se localiza a cabeça, dois olhos e uma sorriso vermelho se abriram. Só conseguia olhar para aquilo e tentar desvendar o que era sem sujar o meu pijama. O monstro continuava lá, existindo. Eu deveria ter assistido mais filmes de terror, assim saberia o que fazer neste momento.

Como uma corrente de ar, o ser escuro sumiu repentinamente. Corri para o sofá o mais rápido que consegui. Depois de refletir minuciosamente sobre o acontecido, percebi que aquilo podia ser coisa da minha cabeça. Eu não devia ter comido tanto bacon no jantar. A mãe sempre diz que comer demais durante a noite dá pesadelos. Eu devo estar sonhando!

Com o corpo escondido embaixo do cobertor, vagarosamente tirei a cabeça para fora da confortável proteção contra monstros sobrenaturais e olhei para a janela. Caramba. Lá estava ele de novo.

Imóvel, escuro, sem rosto. Maldito espírito, ou seja lá o que for.

A coisa estava parada, sorrindo pra mim. Começou a tremer e, em seguida, dois braços sombrios se formaram. As mãos começaram a se mexer fazendo sinais estranhos e, entre elas, apareceram as palavras: “você não vai sair daqui. Só quando vier para o outro lado”. Segurei um grito e voltei para baixo das cobertas. Com o corpo totalmente escondido pelo escudo protetor contra seres malignos, o cobertor, pensei no que tinha acontecido e no que eu ia fazer. O que aquela coisa queria dizer? Será que tem a ver com a mudança de cidade? Ou nunca vou sair do sofá? Vou ter que viver o resto da vida enrolado nos lençóis? Precisava fazer alguma coisa, pegar a lista telefônica e procurar o número e um exorcista. Chamar os irmãos Winchester. Quem sabe o Batman?

Para ter certeza que não estava sonhando, dei uns tapas no meu rosto e coloquei a cabeça pra fora das cobertas. A coisa continuava lá, imóvel, sorrindo, com a mensagem, e agora com um terno feito de fumaça. Quando acabei de fitá-lo, mais uma vez sumiu como uma corrente de ar, o que foi a minha deixa para voltar integralmente para a minha fortaleza quentinha. Aquela coisa era real, estava me espionando e não ia embora. Eu precisava dar um jeito naquilo, tomar coragem e achar uma solução.

— MÃÃÃÃEEEEEE! Tem um espírito lá fora e ele quer me pegar! - gritei logo depois de escancarar a porta do quarto dos meus pais.

— Mateus, que horas são? Vai dormir, guri, são só os galhos das árvores. Cesar, leva o menino para o quarto - disse minha mãe com a voz sonolenta, já virando para o lado, se enrolando no cobertor azul florido e voltando a dormir.

Culpando-se por não ter levantado antes para levar o filho do sofá para a cama, o pai levantou coçando os olhos. Cambaleate por causa do sono, me pegou pela mão e levou em direção ao quarto. No caminho, olhei para a janela da cozinha. Meu inimigo de outro mundo estava lá.

— PAI, PAI, PAI! Ali na janela, olha ele! Olha! Olha! Olha!

Com o coração pulando por causa dos gritos em voz fina, meu pai virou para a janela em questão e não viu nada. Mais uma vez, o espírito usou seu teletransporte, o que me rendeu uma bela bronca do pai. Enquanto gritava, rapidamente ele pegou os cobertores do sofá e

me colocou na cama.

Quando saía do quarto com cara de bravo, apagou a luz e fechou as cortinas me dando boa noite. Uma pequena fresta permitia ver o exterior. Levantei da cama e corri para ver se a coisa ainda estava lá. Estava. Estática, sorridente, escura, cada vez mais elegante. Tinha até uma gravata vermelha para acompanhar o terno de fumaça negra. Combinava com os olhos. E as palavras continuavam as mesmas: “você não vai sair daqui. Só quando vier para o outro lado”. Coloquei minha mão no vidro, o medo já estava sendo substituído por curiosidade.

O que você quer dizer? - perguntei com um sussurro.

As palavras se transmutaram, formando a frase “tudo fará sentido amanhã”. Quando terminei de ler, o ser escuro se transformou numa nuvem de fumaça e desapareceu.

Deitei na cama e dormi cinco minutos depois. Abri os olhos e já eram 8h da manhã. Me arrumei para ir para a escola, meu último dia nesta escola. Meus pais estavam ocupados com a mudança, então nem falei mais sobre o espírito que me incomodou noite passada. Mas aquilo não saía da minha cabeça. Tomei café, dei um abraço nos meus pais e saí pra rua, sempre com a imagem do monstro na cabeça.

Quando cheguei na calçada, o monstro apareceu no meio da rua, que estava deserta. A forma esguia e negra se moldou como um corpo humano vestindo terno. O sorriso e os olhos vermelhos foram substituídos por um rosto enrugado, com barba e cabelo grisalhos. Com um olhar simpático, o senhor de idade que antes era o monstro estendeu a mão esperando eu ir até ele, sem se mover, com os olhos em mim. Vi o caminhão da mudança vindo em alta velocidade em direção a ele. Gritei e corri para tirá-lo do caminho. Depois disso, lembro de estar no hospital vendo a mim mesmo deitado numa maca.

O espírito, ainda transfigurado como senhor de idade, me explicou que minha hora tinha chegado e ele veio me buscar. Eu realmente não ia mudar de cidade. Demos umas voltas no hospital durante o dia, até aprendi a mudar de forma e virar fumaça. Esperamos até às duas horas da manhã para entrarmos no outro lado. A porta entre o mundo dos vivos e dos mortos só fica aberta de madrugada. No final das contas, a hipótese era verdadeira.



BRINCADEIRA DE CRIANÇA



Quando se é criança, a felicidade mora nas pequenas coisas: chegar cansado de escola e se jogar no sofá, comer a comida quentinha da mamãe, jogar bola na rua. No caso de Fabinho Rocha, a alegria de viver era tirada de bater desafios dos amigos. No auge dos 13 anos, o garoto baixinho e de braços magros é tão rápido que ganhou apelidos como Flash, Mercúrio, Ligeirinho. Hoje, para a sua alegria, o irmão de 16 anos, Jonas, o lançou um desafio logo no café da manhã: percorrer o caminho de sua casa até o final da rua em dois minutos. Antes do irmão terminar de falar as regras, o menino já estava saindo da mesa para se aquecer na calçada de casa.

Em frente a residência dos Rocha, mora a família Machado. No momento em que Fabinho corre à la Usain Bolt até o final da rua, apenas uma pessoa assiste da casa vizinha, Ana, uma moça de 18 anos que vive com os pais, que mal aparecem em casa por causa do trabalho. Enquanto o menino corta o vento com suas pernas finas, a moça olha da janela circular do seu quarto no segundo andar. O local era uma bagunça, brinquedos destruídos pelo chão, a cama desarrumada, pôsteres de *Hannibal* e *Psicopata Americano* jogados num canto e, em cima da cômoda, as ferramentas que roubou dos pais que são enfermeiros. Assim como Fabinho, Ana também se diverte com os desafios que são impostos à ela, mas como não tem amigos, todas as brincadeiras são sugeridas pelas vozes em sua cabeça. Desde o início da semana, está bolando planos para “brincar de médico” com os garotos da rua. “Apesar de ser bem novinho, esse garoto tem um físico excepcional. Que tal brincarmos com ele?”, dizem as vozes enquanto Ana se olha no espelho. O sorriso no rosto mostrava que tinha acatado a ideia.

Após uma noite de sono e fama como o corredor mais rápido da rua, Fabinho sai sorridente indo para a escola. Ao atravessar a rua, seu dia fica ainda melhor: olha para a casa dos vizinhos e vê pela primeira vez na vida a beleza de Ana. Apesar de estar na cidade desde os cinco anos, nunca tinha visto ela. Segundo os amigos de 16 anos, ela era tão bonita que os pais nunca deixavam ela sair. Outra corrente de jovens dizia que a menina era louca, por isso ficava trancada. Os pais chegaram a contratar professores particulares para ela não precisar ir à escola. O adolescente seguiu a primeira linha de pensamento: com cabelos loiros até a altura do ombro, a jovem vestia um vestido florido e

sapatos rosas, carregando um sorriso amigável no rosto acompanhado de um olhar cativante vindo das íris azuladas. Fabinho teve uma paralisia com a beleza da moça, que andava em direção a calçada, em direção a ele.

“Olá, mocinho, tudo bem? Ontem vi você correndo aqui na frente, você é muito rápido”, diz Ana, percebendo o nervosismo no rosto e a excitação nas calças de Fabinho. O menino acena com a cabeça enquanto sorri, como se não conseguisse falar. “Você está indo pra escola? Vou buscar uma encomenda no mercado lá no lado, vamos conversando. O que você gosta de fazer?”, comenta a garota, segurando a mão do menino e puxando ele para frente.

Trêmulo, Fabinho ainda digere o que está acontecendo. Uma garota mais velha e linda que ele nunca viu segura a sua mão e começa a fazer perguntas sobre ele. “Ahhh, eu gosto de jogar futebol... de correr... sou o cara mais rápido aqui da rua”, conta para a menina, tentando parecer natural e descolado ao mesmo tempo. Seria essa a chance dele beijar uma garota? “Nahh, ela é muito velha pra mim”, pensa enquanto tenta parecer confiante para Ana.

“Eu não sei jogar futebol e sou péssima correndo. Meus pais não deixam eu sair muito de casa, mesmo eu tendo 16 anos”, conta Ana, com semblante triste e um tom de raiva na voz. “Acabei perdendo muitas brincadeiras da infância...”. A moça sacode a cabeça e volta a sorrir para o menino. “Eles foram viajar e só voltam em dois dias, agora posso me divertir um pouco. Se quiser ir lá em casa, a gente pode brincar juntos hoje à noite”, sugere a moça, logo que chegam em frente ao mercado.

Fabinho fica receoso e acha que seus pais vão reprovar a ideia, mas não pode falar isso para uma garota. “Acho que não vai rolar, tenho muito dever de casa” diz enquanto treme ao lado de Ana e segura as pernas fechadas, indo contra seus hormônios que tendem a deixá-lo com um volume nas calças. Vendo o medo do menino, Ana coloca a mão em sua calça e diz em seu ouvido: “você já viu uma garota sem roupa? Vem pra minha casa hoje a meia-noite pra gente brincar de médico. Mas não conta pra ninguém”. A jovem beija a boca do adolescente e entra no mercado.

Sem reação, Fabinho fica parado por uns segundos. Ana convidou ele para “brincar de médico”. Os amigos mais velhos já

tinham lhe contado o que isso significa. O tempo passa volume em suas calças só aumenta. Todos os vídeos de pornografia que viu navegando na internet voltam à mente. O nervosismo e a animação se misturam durante a aula, no caminho de casa, na mesa de jantar. Só tinha uma pessoa com quem podia falar sobre o assunto: o irmão, seu maior confidente.

“Você não pode ir, ela é mais velha”, diz Jonas quando o irmão termina de contar a história. “Como assim? Você tá com ciúmes, isso sim”, responde Fabinho, bravo com a resposta que ganhou. “Pare com isso ou eu conto tudo para a mãe” rebate Jonas. O mais novo sai do quarto, batendo a porta com força.

Em seu quarto, Fabinho planeja como vai sair de casa sem ser visto por ninguém. Quando o relógio marca 23h58, tempo suficiente para atravessar a rua, se prepara para fugir. Pensa em desistir dessa ideia sem sentido, mas a curiosidade é maior. O adolescente pula a janela do quarto e segue em frente pelos arbustos, para não ser visto. Enquanto Fabinho se aproxima, Ana deixa a casa preparada. Na ida ao mercado, comprou ficas e correntes. Durante a tarde, esterilizou os equipamentos médicos que tem em seu quarto, seringas, agulhas, bisturis. Agora, espera o adolescente sentada no sofá da sala usando calcinha e sutiã.

Fabinho chega em frente a residência dos Machado. Pensa em correr, mas a vontade de estar com uma garota é maior. Anda até a porta, segura o trinco e percebe que está aberta. Entra e, na sala, à meia luz, vê Ana usando apenas roupa íntima, igual as garotas na revista de seu irmão. Fabinho treme ao ver a menina indo em sua direção. Assim como na frente do mercado, ela o beija. Em seguida, pega a sua mão e o leva para as escadas.

Enquanto sobem, Fabinho fica hipnotizado com o corpo de Ana. A menina abre a porta, puxa ele para dentro do quarto e gira as duas trancas. Excitado, o menino vai em direção a cama. Ana o empurra no colchão, segura seus braços, amarra com uma corrente presa na cabeceira e sela seus lábios com fita.

Ana levanta e começa a arrancar a roupa do garoto, que esperneia e tenta fugir, sem sucesso. “O que eu vou cortar primeiro? Teus olhos são lindos, vamos ver como eles são por dentro?”. A jovem senta na sob o menino, pega o bisturi e abre as pupilas do garoto, indo

com a ferramenta médica lentamente em direção a pálpebra. Fabinho força a corrente e, com os dedos sangrando, consegue libertar a mão direita e acerta um soco na agressora, que cai no chão, deixando um corte que divide a bochecha do menino ao meio. Num espasmo de adrenalina, alcança o celular e coloca o número de Jonas para chamar. Ana levanta e vem em direção ao garoto empunhando o bisturi. Quando Jonas atende, apenas ouve um grito do irmão, suficiente para saber que ele saiu de casa.

Alguns minutos depois, Jonas chega correndo na casa dos Machado. O irmão de Fabinho entra arrebatando a porta e sobe as escadas ouvindo gemidos de dor e risadas vindas do segundo andar. Abre a porta com um chute e, quando entra no quarto, vê o irmão na cama mutilado, dando seus últimos suspiros de vida com Ana abrindo seu rosto com o Bisturi. O sangue do garoto toma os lençóis e parte do piso. “O que você fez...”, grita Jonas, com lágrimas nos olhos.

Com um sorriso sádico no rosto, Ana diz: “Só estamos brincando de médico...”



CORTA!



— Você nunca vai ser uma atriz famosa se continuar negando papéis como esse - argumentava o diretor.

— Mas quem em sã consciência vê pessoas se cortando durante o sexo? - indagou Joana, enquanto cobria seu corpo nu com um roupão após mais uma cena de "Tesão Suicida".

Os atores iam colocando a roupa, o câmara parava a gravação e a MILF loira de 40 anos discutia com o diretor do filme pornô enquanto levantava da cama.

— Não conheço nenhuma estrela do pornô que tenha se cortado pra chegar ao sucesso. Faço isso há 20 anos e nunca ouvi falar disso. Você enlouqueceu?

— Calma, vai ser legal. O público tá vendo isso agora. Várias pesquisas dizem: automutilação é a nova tendência dos filmes eróticos. Pornhub, XVideos, RedTube, todos esses grandes sites tem subdivisões específicas pra pessoas que se cortam na cama - argumentava o diretor, extasiado. Assim como Joana, o restante da equipe o encarava com desconfiança, já que nenhuma cena do tipo estava no roteiro.

— Mas chefe, não tem cena assim no roteiro, eu não to preparado pra isso não, dizia Jorge, o ator que contracenava com Joana, ainda com volume nas calças.

— Sem problemas, a gente pode dar um jeito nisso. Eu supervisiono tudo de perto e ninguém se machuca. Posso chamar uns amigos de fora pra ajudar também. Os cortes são inofensivos - falava o diretor, com os olhos brilhando.

— Amigo, eu faço pornô porque eu gosto de sexo. Se eu quisesse me cortar, eu virava açougueira. Sei que nossa indústria é bem exagerada, mas se cortar é demais - dizia a atriz. A equipe concordava acenando com a cabeça.

Os contra-regras acompanhavam a discussão enquanto arrumavam o quarto para as próximas cenas. Joana andava freneticamente de um lado para o outro, pensando se uns cortes no pulso poderiam ajudar a carreira a deslanchar internacionalmente.

— Sasha Grey já fez isso? - perguntou ao diretor, diminuindo o ritmo dos passos.

— Ela já deve ter feito. Ela já fez de tudo, por isso é conhecida. - falava o diretor, tentando acalmar a sua estrela acariciando seus braços.

— Você vai ficar bem, não dói nada. Eu posso fazer uns curativos

depois. Se o corte for feito horizontalmente, nem vai sair tanto sangue - dizia, ofegante.

Joana tentava considerar a ideia, seu sonho de se tornar a musa dos punheteiros tinha que se realizar. Mas o medo fazia com que a atriz recuasse.

— E se der alguma merda? E se meu pulso for cortado no ato sem querer? Eu tenho três filhas pra criar.

— Elas vão ficar bem...digo... não vai acontecer nada. Eu tenho o kit de primeiros socorros aqui na sala, se der merda a gente resolve rapidinho, é bem fácil. - dizia com tranquilidade o diretor.

— Não posso arriscar minha vida por um papel. Desculpa cara...- disse Joana já colocando a calça.

— EU PAGO O DOBRO - gritou o diretor. Dobro teu salário pela cena dos cortes. Você tem que fazer - enquanto secava o suor no rosto, com as mãos tremendo.

Os olhos de Joana brilharam. Com o dinheiro, poderia viajar com suas trigêmeas de 15 anos para a Disney e ainda, quem sabe, fazer sucesso com automutilação em pornô.

A equipe arrumou o quarto branco e com uma cama king size. Câmeras ligadas, os dois atores pelados, o diretor vendo animado. Os protagonistas começaram o ato e Joana pegou a navalha, mas quando foi golpear seu braço, acabou acertando o membro de 22 centímetros que estava em sua boca e pertencia ao colega de profissão.

O sangue jorrava como se saísse de uma mangueira, lágrimas escorriam dos olhos do ator, que segurava seu instrumento de trabalho danificado. Os contra-regras corriam com toalhas, gases e band-aids. Joana se vestiu com o roupão e foi rumo ao seu camarim gritando que nunca mais voltaria naquele lugar. Desesperado, o diretor gritava: Tudo está arruinado - enquanto corria para o banheiro puxando um pequeno pacote dos bolsos.

Após a confusão passar, os donos do estúdio de "Tesão Suicida" prometeram pagar dobrado para Joana e deram uma indenização para o ator machucado, que poderia processá-los por acidente de trabalho. Após meia hora sem dar sinal de vida, o diretor foi encontrado no banheiro, sorridente e com um volume anormal nas calças, segurando uma navalha na mão direita e um poster de Joana nua na esquerda, tudo banhado com o sangue de seus pulsos.



PILOTO AUTOMÁTICO



O despertador toca às 6h20, mas ela acordaria mesmo que não tocasse. A rotina a tornou um autômato: até as 8h30, com os olhos semiabertos, todas as decisões são tomadas automaticamente. As cinco horas de sono diárias utilizavam esse mecanismo para dar um descanso a mais para a estudante, que mora a 20 quilômetros da faculdade.

Arrumar a cama é um luxo reservado para quem tempo. Só jogava os cobertores em cima do colchão e prometia resolver isso a noite. Nunca resolvia. Atravessava a quitinete de 18 metros quadrados enquanto tirava a roupa. Em 10 minutos, estava de banho tomado, correndo para escolher o look do dia. O ônibus passa em 15 minutos. Se perdesse, teria que esperar mais uma hora. A ansiedade fez colocar um vestido vermelho e pegar um casaco. Quando estava fechando a porta, também pegou um chapéu e se olhou no espelho, num ato extremo de rebeldia contra a rotina e o relógio.

Andou o mais rápido que pôde para chegar ao ponto, 500 metros longe de casa, mas perdeu o ônibus. A equação rotineira falhou. Culpa do chapéu. Depois de dois meses seguindo a fórmula para chegar na hora, ia se atrasar. Se perdesse menos tempo se olhando no espelho... Pegar o chapéu foi realmente necessário? Agora que já aconteceu, lide com as consequências. Meia hora a mais esperando o próximo ônibus passar, lotado, com vários idosos para tomar o lugar e uma fila enorme para enfrentar. Não é fácil atravessar a ponte no início da manhã.

Já que tudo estava perdido e tinha muito tempo livre, resolveu quebrar a rotina e criar uma nova: a rotina do atraso. Como o próximo ônibus só passava em meia hora, atravessou a rua e entrou numa pequena e simpática lanchonete. Pediu um café preto, com açúcar. Ganhou um pão de queijo, a moça do balcão gostou de seu chapéu. Um sorriso que não era visto há dias por causa do estresse se abriu, seguido de um "obrigada" para a garçonete de meia idade.

Atrasada, mas com um pão de queijo, sentou-se numa mesa redonda, acompanhada apenas de uma cadeira vazia. Ao seu lado, um enfeite de flores com cores quentes ficava na janela, pareciam cheirosas de longe, mas na verdade eram de plástico. Olhava pela janela e via uma manhã solitária, cinzenta. O vento frio e cortante levantava papéis na rua, balançava a copa das árvores, virava as folhas verdes,

derrubava as secas. No canto do ambiente, uma pequena estufa tentava aquecer a lanchonete naquela manhã fria. O tempo perdido buscando o casaco valeu a pena para alguma coisa, pelo menos: estava sem frio e confortável embaixo das vestimentas de lã que cobriam seu corpo.

Assim como faz na faculdade, comeu todo o pão de queijo primeiro para depois focar sua atenção no café. Dizem que de “graça é mais gostoso”, realmente, aquele pão de queijo estava ótimo.

Em seguida, deu o primeiro gole no café. Uma gota do líquido preto começou a escorrer pelo corpo da porcelana branca deixando uma trilha da borda em direção ao pires. Enquanto acompanhava o movimento da partícula do café, lembrava de todos os problemas que a aguardavam. As provas para fazer, os trabalhos para entregar, as tarefas do trabalho que ainda nem começara a fazer. Cada gole no café, uma nova preocupação. A cabeça baixa, o rosto sonolento e o olhar vazio não escondiam a vontade de desistir de tudo. Dando base a tudo isso, uma aura de solidão a cercava. Sentia falta da família, dos amigos, de alguém pra conversar.

Mas lembrou que tinha ganhado um pão de queijo. Lembrou que ficava linda de chapéu. Lembrou de tudo que percorreu para estar ali. A esperança era recuperada aos poucos, a cada devaneio.

Cinco minutos para o ônibus passar, bebeu o resto do café num gole, lançou o dinheiro e mais um “obrigada” para a balconista, correu para o ponto. O ônibus não demorou pra passar. Conseguiu até um lugar pra sentar.

Quando ia dormir para recuperar o sono perdido, uma senhora entrou na lotação e parou ao seu lado. A decepção no rosto era quase imperceptível, mas existia no interior. Levantou e disse para a senhora sentar. Segurou no apoio do banco enquanto seu rosto ia se fechando. Ia ficar com sono e mau humor o dia todo. Os olhos ficaram cerrados como se tivesse acabado de acordar. O modo automático estava ligado novamente.

“Belo chapéu, mocinha”, ouviu da senhora, em um tom de simpatia inocente e cativante. Os olhos se abriam novamente e o sorriso de outrora voltava a vida. No final das contas, a vitalidade trazida pela simples quebra da rotina mostrava que viver no piloto automático nem sempre é a melhor opção. Inspirada, puxou o bloco de

notas e começou a fazer os trabalhos ali mesmo, escorada no banco do ônibus.

Percebeu que podemos controlar a vida e evitar que as coisas saiam dos trilhos, mas sempre é possível tirar o melhor proveito das piores situações. Mesmo quando nada faz sentido, um pequeno sorriso pode ser a faísca para ascender a luz de um dia sombrio.

Este texto foi livremente inspirado na obra Automat, de Edward Hopper.



EPIDEMIA DIGITAL



1 TELA PRETA

Na tela preta, em letras brancas e fáceis de serem lidas, aparecem as principais definições da palavra “Epidemia”, uma de cada vez:

epidemia - substantivo feminino

1 - Doença de caráter transitório, que ataca simultaneamente grande número de indivíduos em uma determinada localidade.

2- generalização rápida e ampla de um modismo

3- *aumento do número de casos de uma doença ou de um fenômeno anormal*

Após todas as definições serem exibidas, com destaque no final para a terceira, a tela volta a ficar preta, se revelando o display de um smartphone

2 EXT — METRÔ COM VÁRIAS PESSOAS — DIA

A tela em standby é ligada e exibe uma interface de notícias ao estilo Google News. A dona do dispositivo está em pé, no metrô, vendo notícias no seu smartphone. Ao seu redor, mais pessoas mexendo no celular. Ao som dos barulhos do metrô, todos viajando em seus feeds no Facebook na pequena tela, que são rolados pelo dedo polegar, também utilizado para curtir e compartilhar postagens, desde notícias de política sobre a presidente do Brasil até memes e fotos de cachorrinho, que geram algumas risadas no vagão.

Ao lado da moça em pé, um homem de meia idade acima do peso e com calvice evidente. Com cara de sono, ele usa um terno caqui e senta ocupando bastante espaço, deixando a mulher ao lado desconfortável. O homem mexe no celular como todo mundo, até que seu feed mostra uma notícia que o deixa surpreso: um post do Facebook dizendo “Presidente espalha vírus mortal através do ar”, com uma foto da presidente, com arquetipo da Dilma, e um link suspeito como fonte.

O homem grita de surpresa, assustando outros passageiros, que voltam suas atenções para ele. Todo mundo se reúne ao seu redor, olhando para a tela. Apreensivo, ele olha para todo mundo, com todos os olhos voltados para a tela. Ao fundo, a música Sabotage do Bestie Boys começa a tocar.

Ele clica no botão “compartilhar”, que exibe a mensagem, em letras garrafais: “compartilhar com todo mundo?”. Sem hesitar, aperta sim. O metrô vira uma curva e a câmera fica para trás, seguindo até uma pessoa com smartphone no meio da multidão.

3 EXT — RUA AO ESTILO NOVA YORK COM PRÉDIOS E CARROS

A visão volta-se para o feed da pessoa, um homem magro e com cabelo curto seguindo em frente. No Facebook, a postagem compartilhada pelo homem do metrô aparece e é replicada com dois cliques. Por causa da chamada anunciando a epidemia catastrófica divulgada por uma fonte anônima, o homem sai correndo desesperado e esbarra em uma mulher mexendo no smartphone que passa ao seu lado, mas indo ao lado contrário.

A câmera a segue, o último compartilhamento aparece em seu feed. Com cara de espanto, ela replica e sai correndo gritando. A câmera chega na esquina, mostrando pessoas correndo e descendo dos seus carros. Celulares no chão exibem a mesma manchete. Nas TVs expostas nas vitrines, os jornalistas experientes com cara de William Bonner comentam o caso.

No outdoor preso ao prédio mais alto (ao estilo Times Square), a foto da presidente sorrindo é exibida com a manchete “Vírus espalhado pelo ar” sob uma faixa vermelha. A visão sobe, mostrando pessoas colocando fogo em lixeiras, quebrando vitrines e correndo em busca de abrigo. A música continua tocando ao fundo.

A câmera segue a rua, mostrando carros batendo, mais fogo e tumulto, helicópteros passam dando rasantes. Na última esquina, começa um bairro mais tranquilo onde a catástrofe ainda não começou. A câmera pousa na janela de uma casa de madeira com um andar, caranda simples, pintada de branco, duas bicicletas caídas na frente e a garagem sem carros.

4 INT — QUARTO BAGUNÇADO DIA

A visão chega a uma janela e mostra o quarto à meia luz com características normais, porém, com duas mesas e computadores sobre elas. Nas paredes, posters do game *League of Legends*, do filme *Meu Malvado Favorito* e um grande, com destaque, mostrando uma imagem de um político com as características físicas de Jair Bolsonaro, mas com

clara referência aos cartazes de divulgação nazistas de Hitler.

Ao lado do poster principal, um quadro com um checklist com várias manchetes sensacionalistas e falsas sobre a presidente do Brasil. Iluminados pela luz dos monitores, quatro jovens clicam e digitam freneticamente em quatro computadores, dois em cada mesa. Um deles, mais alto e usando uma touca inspirada em animes, levanta e olha o computador do colega ao lado, que sorri. A tela exibe o motivo da felicidade: estão vendo o número de visualizações de uma postagem com características de notícia da internet e o título: “Presidente espalha vírus mortal através do ar”, que cresce a cada segundo. Os dois riem, batem as mãos para comemorar e voltam aos seus postos, onde elaboram mais notícias com títulos falsos.

5 TELA PRETA - FADE OUT

Quando a tela fica preta, várias manchetes falando sobre o crescimento de notícias falsas são exibidas. Em branco, a seguinte mensagem é digitada em letras garrafais:

“Na era da informação, informações falsas são uma doença...

Uma epidemia”



GELADAS



1 INT — COZINHA DA CASA DO NILTON — NOITE

O grupo de três amigos está tentando pegar cerveja no sótão da casa. Ao som de funk, Nilton, Junior e Alice, todos com 15 anos, estão ao redor da mesa da cozinha, sussurrando, enquanto os pais de Nilton assistem TV.

NILTON

(Com celular na mão) Seguinte, galera, o Alceu não conseguiu nada na loja de bebidas. Ele mandou mensagem e disse pra gente levar a gelada. Vamos ter que chegar até o freezer do pai que tá lá no sótão.

ALICE

O cara da loja de bebidas viu que ele não tem 18 anos? Puta merda...

JUNIOR

Tá bom, e como vamos fazer pra chegar até lá, pegar a cerveja e descer sem que teus pais vejam a gente com um puta engradado?

NILTON

Velho, não vai ser fácil. O pai costuma trancar lá em cima. Só tem entulho no sótão... E o freezer. As chaves ficam perto da TV, ali na sala, onde eles estão assistindo. Temos que dar um jeito de pegar a chave, subir a escada, abrir o sótão silenciosamente e trazer uma caixa de breja, pelo menos. Mas se eles pegarem a gente no processo... eu to ferrado.

JUNIOR

E você tem alguma ideia de como a gente vai fazer isso?

NILTON

A escada fica atrás do sofá, podemos rastejar por trás sem fazer barulho. Eles tão vendo filme de ação e aquele Home Theater faz muito barulho. Essa parte vai ser de boas.

ALICE

Mas se eles pegarem a gente rastejando atrás do sofá? O que vão

pensar? Tipo, nós já temos 15 anos, que ridículo.

JUNIOR

Seria bem estranho (risos)... Mas vai dar tudo certo. Podemos fazer assim: eu sou pequeno, posso subir na surdina, pegar o engradado e alcançar pra vocês pela janela. Nilton, a Alice sobe no teu ombro e pega a caixa. Não derrubem. Se cair, ferrou tudo..

NILTON

Boa, é só cuidarmos com a janela do quarto deles, que fica bem embaixo do sótão. Se meus pais passarem na hora e pegarem a Alice nos meus ombros de braços abertos para o céu, com certeza vão perceber que algo tá errado.

ALICE

Seria bem estranho (risos)... Ok, vamos nessa então.

JUNIOR

Tá bom, mas e a chave?

NILTON

Putz, a chave... tá no lado da TV. Temos que pensar em algo...

O relógio na parede mostra os minutos se passando, a imagem se abre e mostra Nilton indo até a geladeira e pegando refrigerante. Ele fica entre os dois amigos e pega o smartphone, digitando rapidamente.

NILTON

(Enquanto digita) Vou pedir ajuda pra minha irmã. É o único jeito. Vou mandar mensagem, ela tá ali no quarto dela.

JUNIOR

Você tem certeza que a tua irmã vai ajudar? Ela só tem 10 anos, ela vai entregar o jogo, cara...

Após gritar um "oi" para os pais, Vitória, a irmã do Nilton,

entra na cozinha saltitante, com um smartphone rosa e uma cópia de “Destrua seu diário”.

VITÓRIA

(Impaciente) Fala, Nilton.

JUNIOR

Eu falei que vai dar merda...

NILTON

Eu preciso da tua ajuda. Tu pode pegar a chace no lado da TV pra mim?

VITÓRIA

Caramba, tu quer roubar cerveja de novo, Nilton?

ALICE

ihhhh (enquanto segura a mão de Nilton e olha com receio de que tudo dê errado)

NILTON

(surpreso e nervoso por causa do movimento de Alice) Eu preciso. Preciso das cervejas. Você sabe que seu for ali o pai vai desconfiar. Se tu pegar a chave vai ser de boas. Diz que vai buscar um brinquedo no sótão, sei lá...

VITÓRIA

E por que eu faria isso? Tu quer roubar o nosso pai. Que feio, guri. Isso é errado...

NILTON

Te dou metade da minha mesada. E faço brigadeiro no domingo.

VITÓRIA

Fechou.

O grupo comemora, Alice abraça Nilton. O relógio na parede

mostra o tempo passando rápido novamente. Os amigos se agrupam, Vitória joga a Chave para o Nilton, que caminha até a sala com Alice.

NILTON

Pai, vamos sair, volto antes da meia-noite.

Pais acenam com a cabeça e se olham com olhar sacana. Não percebem a ausência de Junior, que sobe sorrateiramente até o sótão e se prepara para alcançar o engradado de cerveja para os amigos.

2 EXT— QUINTAL — NOITE

Nilton e Alice chegam no lado de fora e acham a melhor posição para pegar o engradado. As cortinas da janela dos pais está aberta, as luzes apagadas. A iluminação vinda da rua deixa o quarto à meia luz.

Junior está na janela esperando os amigos. Pega o engradado e fica pronto para entregar para os amigos. Alice dá um sorriso para Nilton e sobe em seus ombros. Nilton se apoia na janela, enquanto a amiga estica os braços pra pegar o engradado das mãos de Junior.

O plano corre bem, até que Nilton olha pela janela e vê os pais entrando no quarto, tirando a roupa enquanto se beijam.

NILTON

AAAAHHHHHHH (enquanto cai para trás por causa do espanto)

As cervejas caem no meio do canteiro de flores abaixo da janela e Alice desaba sob o amigo. Os pais se assustam com o barulho e, enquanto se vestem, vão até a janela, de onde veem o filho e a outra adolescente caídos sobrepostos. Junior vê a cena do segundo andar pela janela.

ALICE

(surrurrando, em cima de Nilton): Droga, já era, pensa rápido, eles estão olhando pra gente. Vão ver as bebidas.

Nilton, expressando nervosismo, beija Alice. Os pais fazem cara de espanto, Junior também.

NILTON

(Com tom de voz alto e nervoso) Alice, estou tomando coragem pra fazer isso há muito tempo. Eu gosto muito de você...eu...eu...

Espantada, Alice olha para Nilton e retribui o beijo.

MÃE DO NILTON

Mas o que está acontecendo aqui?

NILTON

Mãe... você conhece a Alice, eu quero que ela seja minha namorada

MÃE DO NILTON:

(gritando) Mas você tem 15 anos!! Tu nem terminou o colégio ainda. Levanta daí e vem pra dentro agora. Você também (apontando para Alice). Vamos pra dentro. AGORA!

Os pais fecham a janela. Junior acena com a cabeça expressando um sorriso sacana para o amigo, que segura a mão de Alice. Nilton pega o celular e manda um áudio no Whatsapp para Junior.

NILTON

Desce e esconde a cerveja. Vamos ter que deixar a festa pra amanhã, mas já temos a gelada. (coloca o celular no bolso).

ALICE

(sorrindo)Gostei da tua tática pra dispersar a atenção. Você realmente quer que eu seja tua namorada?

Nilton dá um sorriso sem graça e quando vai começar a falar, é interrompido pelo grito da mãe.

MÃE DO NILTON

Venham pra cá, caramba! Eu não to pra brincadeira hoje

Os dois correm para dentro.

Quem diabos é Mateus Mognon?

Nascido na pequena cidade de Lagoa Vermelha, perdida no meio dos pampas do Rio Grande do Sul, Mateus Mognon é um vivente que mora em Florianópolis e escreve sem parar.

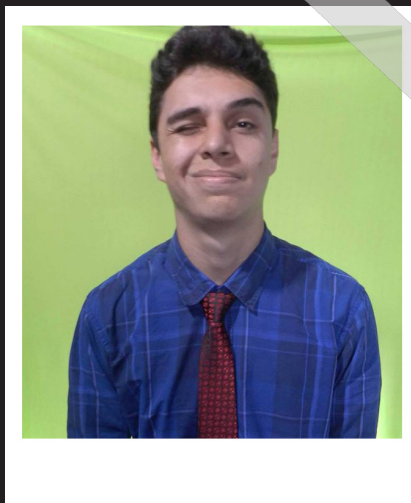
É um exemplar raro de caipira geek: Cresceu cercado por natureza e ausência de internet no interior, mas ninguém imagina isso quando o vê caindo de amores por videogames e novas tecnologias.

Assim como todo mundo que curte escrever, já pensou em produzir um livro, mas nunca imaginou que isso aconteceria tão repentinamente. Apesar das intempéries do semestre, a experiência foi rica de saber e bastante divertida.

Agora, resta juntar forças e arranjar tempo para continuar escrevendo contos, roteiros e, quem sabe, mais livros (melhores, de preferência).

Frases que inspiram o autor

“O maior escritor de contos teen que você respeita”
- @zsbianca, sobre Mateus



“Lindo da mãe!”
- Mãe, sempre.

“Don’t let your dreams be dreams. JUST DO IT”
- Shia LaBeouf